

## Artigo original

# ANÁLISE MORFOSSINTÁCTICA DOS MORFEMAS -UR- E -AM- NO CIWUTEE

Joaquim João Razão 

*Faculdade de Letras e Ciências Sociais, Universidade Eduardo Mondlane, Moçambique*

**RESUMO:** Os morfemas são unidades mínimas de análise morfológica. Tendo em conta este pressuposto, nota-se que, para captar os traços paramétricos das unidades morfológicas, é necessário que seja feita uma exploração no seu campo maior (morfologia). O foco da pesquisa são os morfemas que podem ocorrer antes e ou depois da base. A pesquisa tem como objectivos analisar, testar, caracterizar e distinguir os morfemas -ur- e -am-, numa perspectiva morfofossintáctica e léxico-semântica. Para o efeito, usou-se o *teste distribuição*, as teorias *Princípio de Espelho* Baker (1995) e *Incorporação* Baker (1988) para aferir a existência de alguma linearidade e possíveis restrições léxico-semânticas na concatenação de unidades derivacionais que, por sua vez, podem estabelecer uma relação com o mundo extralinguístico. Com estas abordagens teóricas, pretende-se aferir a real categoria de morfemas -ur- e -am- que, em algumas línguas bantu, funcionam como extensões verbais fossilizadas. Os objectivos arrolados remetem-nos à questão “será que os morfemas -ur- e -am- comportam-se como extensões verbais e qual é a real categoria morfofossintáctica e léxico-semântica das bases que os agregam no Ciwutee? As possíveis respostas que advêm da pergunta acima são: a) os morfemas -ur- e -am- comportam-se como extensões no Ciwutee; b) os morfemas -ur- e -am- estabelecem restrições morfofossintácticas e léxico-semânticas distintas, diante das bases que os agregam e; c) os morfemas -ur- e -am- são extensões fossilizadas no Ciwutee. Usando a abordagem qualitativa, o método bibliográfico e a Introspecção, assim como, o teste *distribuição* foi possível concluir que -ur- é uma extensão verbal que se junta às bases verbais com semântica de movimento cíclico e -am- não é uma extensão, mas sim, um verbalizador que se junta, apenas, às bases ideofónicas. Esta conclusão geral foi dada por 84.7 % de informante do universo de 100% de amostra justificativa.

**Palavras-chave:** Extensões verbais, ideofone, morfemas derivacionais, verbalizador.

## MORPHOSYNTACTIC ANALYSIS OF THE MORPHEMES -UR- AND -AM- IN CIWUTEE

**ABSTRACT:** Morphemes are minimal units of morphological analysis. Taking this assumption into account, it is clear that, in order to capture the parametric features of morphological units, it is necessary to explore their larger field (morphology). The focus of the research is on morphemes that can occur before and/or after the base. The research aims to analyse, test, characterise and distinguish the morphemes -ur- and -am-, from a morphosyntactic and lexico-semantic perspective. To this end, the distribution test, the Baker Mirror Principle (1995) and Baker Incorporation (1988) theories were used to assess the existence of some linearity and possible lexico-semantic restrictions in the concatenation of derivational units which, in turn, can establish a relationship with the extralinguistic world. With these theoretical approaches, we intend to assess the real category of morphemes -ur- and -am- that, in some Bantu languages, function as fossilized verbal extensions. The objectives listed refer us to the question “do the morphemes -ur- and -am- behave as verbal extensions and what is the real morphosyntactic and lexico-semantic category of the bases that aggregate them in Ciwutee? The possible answers that arise from the above question are: a) the morphemes -ur- and -am- behave as

extensions in Ciwutee; b) the morphemes -ur- and -am- establish distinct morphosyntactic and lexico-semantic restrictions on the bases that aggregate them; and; c) the morphemes -ur- and -am- are fossilized extensions in Ciwutee. Using the qualitative approach, the bibliographic method and Introspection, as well as the distribution test, it was possible to conclude that -ur- is a verbal extension that joins the verbal bases with cyclic movement semantics and -am- is not an extension, but rather a verbalizer that joins only the ideophonic bases. This general conclusion was given by 84.7% of informants from the 100% sample universe.

**Keywords:** Verbal extensions, idiofone, derivational morphemes, verbalizer.

Correspondência para: (correspondence to:): [Joaquimjoaorazao@gmail.com](mailto:Joaquimjoaorazao@gmail.com)

## INTRODUÇÃO

A morfossintaxe já foi estudada usando muitos dados de línguas bantu diferentes, incluindo as de Moçambique. Fazendo um estudo comparativo, nota-se que, dentre as línguas naturais, existem princípios (características comuns) e parâmetros (características distintas) e que Ciwutee não é uma exceção. É a partir desta constatação que Baker (1995), Hyman (2002), Bybee (1985) e Ngunga (1999) nas suas abordagens sobre as reais motivações categoriais para o ordenamento e concatenação dos morfemas derivacionais afirmam que, embora vários aspectos gramaticais tenham sido, profundamente, estudados, é necessário que haja mais estudos particulares em cada língua, no sentido de encontrar princípios e parâmetros entre línguas próximas ou distantes. Foi este espírito que nos levou a analisar as reais características morfossintáticas e léxico-semânticas dos morfemas -ur- e -am- no Ciwutee. A pesquisa tem como objectivos analisar, testar, caracterizar e distinguir os morfemas -ur- e -am-, numa perspectiva morfossintáctica e léxico-semântica, suportados pelo teste *distribuição*, teorias *Princípio de Espelho* Baker (1995) e *Incorporação* Baker (1988) para aferir alguma aceitabilidade ou não na concatenação de unidades derivacionais que, por sua vez, o output pode estabelecer uma relação com o mundo extralinguístico. Com estas abordagens teóricas e a metodologia adoptada, pretende-se aferir a real categoria de morfemas -ur- e -am- que, em algumas línguas bantu, funcionam como extensões verbais fossilizadas. Os objectivos arrolados remetem-nos à questão “será que, usando o Princípio de Espelho, Incorporação e teste *distribuição*, os morfemas -ur- e -am- comportam-se como extensões verbais e qual é a real categoria morfossintáctica e léxico-semântica das bases que os agregam no Ciwutee? A seguir apresenta-se a Tabela 1 das extensões verbais proposto por vários autores.

**TABELA 1: Extensões verbais proposto por vários autores**

| Extensões verbais    | Doke (1954) | Ribeiro (1965) | Baumbachi (1988) | Sitoe Xichangana (1996) | Langa Xichangana (2007) | Razão Ciwutee (2017) | Razão Ciwutee (2023) |
|----------------------|-------------|----------------|------------------|-------------------------|-------------------------|----------------------|----------------------|
| Aplicativa           | -el-        | -el-           | -el-             | -el-                    | -el-                    | -er-                 | -er-                 |
| Causativa            | -is-        | -is-           | -is-             | -is-(-at/-ix-)          | -is-                    | -is-                 | -is-                 |
| Intensiva            | -isis-      | -isis-         | -isis-           | -isis-                  | -isis-                  | -isis-               | -isis-               |
| Neutra               | -ek-        | -ek-           | -ek-             | -ek-                    | -ek-                    | -ek-                 | -ek-                 |
| Passiva              | -iw-        | -iw-           | -iw-             | -iw-                    | -iw-                    | -(i)w-               | -(i)w-               |
| Persistiva           | -elel-      | -elel-         | -elel-           | -elel-                  | -elel-                  | -irir-               | -irir-               |
| Recíproca            | -an-        | -an-           | -an-             | -an-                    | -an-                    | -an-                 | -an-                 |
| Reversiva/separativa | -ul-        | -ul-           | -ul-             | -ul-                    | -ul-                    | -ur-                 | -ur-                 |
| Frequentativa        | -etel-      | -etel-         | -etel-           | -etel-                  | -etel-                  | -                    | -                    |
| Contactiva           | -           | -              | -                | -                       | -et-                    | -                    | -                    |
| Posicional           | -           | -              | -am-             | -am-                    | -am-                    | -am-                 | -                    |
| Estativa             | -           | -              | -                | -al/-akl-               | -                       | -                    | -                    |
| Perfectiva           | -           | -              | -                | Elel                    | -                       | -                    | -                    |
| Diminutiva           | -           | -              | -                | -nyana-                 | -                       | -                    | -                    |

Para se entender melhor sobre as extensões verbais no geral, fez-se um levantamento de extensões verbais em vários autores para, por via deste, aferir as reais características dos morfemas -ur- e -am- no Ciwutee.

Olhando para a Tabela 1 das extensões verbais em diferentes autores, nota-se ausência de -am- como extensão verbal, em Doke (1954) Ribeiro (1965) e Razão (2023). Talvez seja as particularidades do morfema -am- que fez com que, os autores citados não o considerassem como extensão verbal nos seus trabalhos. Neste quadro, nota-se ausência dos nomes das respectivas línguas nos primeiros três autores por terem feito um estudo geral das línguas bantu.

## QUADRO TEÓRICO

### Abordagens teóricas sobre a morfossintaxe nas línguas bantu

O termo morfossintaxe refere-se a junção de aspectos morfológicos e sintáticos que podem alterar o *princípio de projecção* do Léxico para a Sintaxe. Esta relação é trabalhada na teoria Princípio de Espelho (Mirror Principle) por Baker (1995). A teoria advoga que existe uma relação muito estreita entre a morfologia e a sintaxe, dado que, a derivação morfológica condiciona o mapeamento sintático. Entende-se, nesta teoria, que a estrutura morfológica de uma palavra complexa é derivada através do movimento do núcleo da raiz lexical para os núcleos onde os morfemas são gerados. A ordem dos morfemas irá reflectir a *incorporação* sintáctica dos núcleos que correspondem a esses morfemas (BAKER, 1988). Assim, a possibilidade de flexibilidade dos itens lexicais na estrutura sintáctica depende de quão rica ou fraca é a morfologia dessa língua. As línguas com morfologia rica vão desencadear mais movimentos e aquelas com uma morfologia fraca permitirão menos movimento.

É esta possibilidade de incorporar mais de um morfema derivacional que, por conseguinte, irá proporcionar mais movimentos na estrutura. Na sua teoria, Baker (1988) defende-se que uma palavra complexa pode ser formada por regras sintáticas e, mais especificamente, pelo movimento X°, através da incorporação de uma raiz lexical no morfema (núcleo morfológico), estabelecendo alguma

relação extralinguística. Noutra vertente, Baker (1995), especifica que, o Princípio de Espelho (PE) é uma teoria derivacional que leva a morfologia e a sintaxe de cada regra a serem crucialmente relacionadas a um único processo, tendo lugar em um único componente da gramática. Então, por exemplo, na derivação de uma estrutura particular, o causativo virá antes do passivo tanto morfológico como sintático (BAKER, 1988, p.16). O autor mostra a ordem obedecida e as suas implicações morfossintáticas em Chichewa, à luz do PE quando a extensão applicativa “-er-” (o+) e passiva “-edw-” (o-) co-ocorrem na estrutura. Veja, em 1.a), dados de Chichewa em Mark Baker.

1. a) Mtsikana anaperekeredwa mpiringidzo ndi mbidzi  
Mtsikana a-na-perek-er-edw-a mpiringidzo ndi mbidzi  
Girl SP-PAST-hand-APPL-PAS-VF- crowbar by zebras  
‘The girl was handed the crowbar by the zebras’  
‘A menina foi entregue o pé de cabeça pelas zebras’
- b) \*Mtsikana anaperekedwera mpiringidzo ndi mbidzi  
Mtsikana a-na-perek-edw-er-a mpiringidzo ndi mbidzi  
Girl SP-PAST-hand-PAS-APPL-VF- crowbar by zebras  
‘The girl was handed the crowbar by the zebras’  
‘A menina foi entregue o pé de cabeça pelas zebras’

O exemplo em (1.a) mostra a natureza das bases verbais e a ordem de ocorrência das extensões verbais. A ordem de ocorrência das extensões applicativa e passiva aceita em Chichewa, segundo Baker (1988), é APPL PAS. A inversão da ordem de ocorrência PAS-APPL, resulta em estruturas agramaticais (1.b). Estas teorias (Princípio de Espelho e Incorporação) ajudam a compreender as possibilidades de concatenação de -ur- e -am- às das bases lexicais. A seguir apresentam-se o teste distribuição.

### Teste (distribuição) para a identificação de classes de palavra

O critério distribuição é uma das técnicas para identificação de classes de palavras, tendo em conta a sintaxe da língua, mesmo que, a língua seja flexível. Nos casos em que a língua é flexível, as estruturas marcadas, mostram algum incumprimento da realização das informações emanadas do léxico para a sintaxe.

### Ilustração



**TABELA 2: Contextos paradigmático e sintagmático, usando dados de Ciwutee**

| [SN, F]                               | D                               | V                                   | [SN; SV]                        | ADJ                                    | IDEOF.                             |
|---------------------------------------|---------------------------------|-------------------------------------|---------------------------------|----------------------------------------|------------------------------------|
| 1. *Nyoka (i)<br>Lit.: Cobra          | Iyi<br>Esta                     | <i>Yaruma yawona</i><br>Picar. ver. | Mwana<br>Criança                |                                        | Go<br>“Go”<br>(movimento da cobra) |
| 2. *Charwheyi (ii)<br>Lit.: Charwheyi | Bewu<br>(movimento de abertura) | Wabewura<br>Abriu                   | Simbi<br>ferro                  | Tsvuku<br>Vermelho                     | Uwu<br>Uwu                         |
| 3. Mwaramu (iii)<br>Lit.: Cunhado     | Aya<br>Este                     | Agwadama<br>Ajoelhar.               |                                 |                                        | Gwada<br>(forma de ajoelhar)       |
| 4. *Charwheyi (iv)<br>Lit.:Charwheyi  | Uwu                             | <i>Mutsvuku</i><br><i>Vermelho</i>  | <i>Wabewura</i><br><i>Abrir</i> | <i>Bewu</i><br><i>A forma de abrir</i> | <i>Simbi</i><br><i>Ferro</i>       |

No exercício 2 (Tabela 2), as três estruturas (1, 2 e 4) são agramaticais porque não se respeita o princípio de distribuição dos constituintes sintagmáticos. Na estrutura (2, coluna ii), também, é agramatical porque o ideofone *bewu* ocorre no paradigma de determinantes e o determinante *uwu* ‘este’, ocorre no paradigma de ideofones.

A estrutura (4, coluna iv) é agramatical porque não se respeita o princípio de distribuição paradigmática dos constituintes sintagmáticos. Nesta frase, o adjetivo *mutsvuku* ‘vermelho’ ocorre no paradigma dos verbos, o verbo *-bewura* ‘abriu’ ocorre no paradigma dos nomes, o ideofone *bewu* ocorre no paradigma dos adjetivos e o nome *musuwo* ocorre no paradigma dos ideofones. Em (1, coluna i), há co-ocorrência de dois verbos (*yaruma yawona*) no mesmo ponto sintagmático, resultando numa estrutura sintáctica agramatical e em casos (2, coluna ii e 4, coluna iv) também são agramaticais porque os constituintes ocorrem em paradigmas impróprios. A descrição acima indica que duas ou mais palavras da mesma categoria sintáctica podem ocorrer no mesmo eixo paradigmático, exemplo [SN; F] (Nyoka, Charwheyi, mwaramu), mas duas ou mais palavras da mesma categoria sintáctica não podem co-ocorrer no mesmo ponto sintagmático, exemplo (1, coluna i) [SV/V] “*yaruma yawona*”.

Com este critério distingue-se claramente as classes de palavras (nomes, determinantes, verbos, adjetivos *ideofones*), por via disto, aferir a real categoria de morfema -ur- e -am- no Ciwutee. Para este estudo nota-se que, o Princípio de Espelho ajuda a entender o mecanismo de concatenação e a posição de ocorrência de morfema -ur- e -am- nas bases lexicais. A Incorporação é útil na medida em que explica como os morfemas -ur e -am- se anexam na base lexical, cuja output estabelece uma relação com o mundo extralinguístico e por fim, o teste distribuição traz a real categoria das bases com as quais -ur- e -am- devem ou não se devem concatenar para formar um output existente, de acordo com a regra de formação de palavras derivadas. A seguir, apresentam-se alguns conceitos.

## Conceitos operatórios

Os morfemas -ur- e -am- são objectos morfológicos, conhecidos, na maioria da literatura, como extensão verbal reversiva (-ur-) e extensão verbal posicional (-am-).

Sobre o morfema (-ur-), Waweru (2011, p. 74) afirma que “os estudos sobre a extensão reversiva são muito poucos se comparados com os realizados sobre outras extensões verbais nas línguas bantu”. O morfema -ur- considera-se extensão verbal reversiva porque “indica uma reversão total da acção” (Ngunga, 1999, p.17; Lodhi 2002, p. 4, -, p. 26). Baumbach (1988, p. 208), mostra que esta extensão indica a reversão de uma acção ou processo indicado pelo verbo a que é sufixada”. Num outro ângulo de análise, Zemba 2015, citado por (Câmara 2018, p. 185 entende que, a extensão reversiva indica inteira reversão do significado da acção expressa pelo verbo não derivado). Ao analisar a abordagem de Ngunga (op.cit.) e de Zemba (op.cit.) sobre a ideia da extensão reversiva, nota-se que, os dois autores mostram que esta extensão remete-nos à semântica de movimento de retorno. Zemba (op.cit) clarifica ainda que, o referente do verbo derivado (output) é a reversão do referente do verbo não derivado (base). Sobre esta extensão, os autores acrescentam que, o sufixo reversivo ocorre como -ul-/ol- em outras línguas bantu, mas quando se caracteriza o mesmo morfema, no Ciwutee, nota-se que se realiza em -ur- or-. Todavia, Ngunga (1999, p.8-, p 18) afirma que “em algumas línguas bantu, como é o caso de Yao, os alomorfes, -uk-/ok- são usados como extensão reversiva intransitiva”. A variação alomórfica (ul/ok e ur/ or) em Ciyaawo e Ciwutee, respectivamente, é pelo facto destas línguas estabelecerem a harmonia vocálica.

Em termos de valência, Ngunga (2014, p. 174), afirma que esta extensão é do “tipo =O, extensões lexicais”<sup>i</sup>. Entende-se que talvez seja isto que Cocchi (2008, p. 75 -, p. 89) e Waweru (2011, p.47), em alguns estudos, trataram-no como extensão neutra. O mesmo posicionamento foi partilhado por Cocchi (2008, p. 75 -, 89) tendo afirmado que a extensão reversiva apenas muda a semântica e a estrutura morfológica do verbo em que ocorre sem, no entanto, alterar a transitividade. Numa situação lexicalizada, ela é restritiva, pois, ocorre apenas em alguns verbos em algumas línguas, como é o caso de Mbonge e Londo (FRIESEN, 2002, p. 71). Veja em (3.a-e) os exemplos de *Changana* propostos por Langa (2013, p. 140) e de *Nyungwe* (CÂMARA, 2018, p. 185).

### *Dados de Changana (Langa 2013)*

- |                            |             |
|----------------------------|-------------|
| 3.a) -pàk-ùl-à             | *-pàkà      |
| Raiz- Rev-VF               |             |
| ‘descarregar’              |             |
| b) -lònd-ùl-à              | cf. *-lòndà |
| Raiz- Rev-VF               |             |
| ‘voltar’                   |             |
| c) -ph-ùl-à                | cf. *-phà   |
| Raiz- Rev-VF               |             |
| ‘tirar (a panela) do lume’ |             |
| d) -phèk-ùl-à              | *-phèkà     |

## Raiz-Rev-VF

‘revolver, levantar’

e) -k-**ùl**-à

\*-kà

## Raiz-Rev-VF

‘crescer’

Os exemplos (3.a-e) mostram verbos que a extensão reversiva se encontra lexicalizada, visto que, a partir da coluna mais à esquerda, os radicais aos quais se devia afixar são agramaticais. Morfologicamente, os verbos em (3) ocorrem apenas com -**ùl**- e denotam acção oposta ao estado descrito pelos verbos na sua forma básica (LANGA, p. 51,- p. 60, 2007; LANGA 2013, p. 140). A seguir em (4.a-l) verifique dados de Nyungwe.

*Dados de Cinyungwe (CÂMARA 2018)*

- 4.a) ife ti-ndza-tsudz-**ul**-a mandoto  
1PL nos-MS 1PL-MT-Raiz- Rev-VF 6 transas  
‘nós desmancharemos as tranças’
- b) \* ife ti-ndza-tsudz-a mandoto  
1PL nos-MS 1PL-MT-Raiz- Rev-VF 6 transas  
(Sem tradução lógica)
- c) Maria a-da-fuk-**ul**-a manjoka  
3PS Maria-MS 2PS-MT-Raiz- Rev-VF 6mandioca  
‘a Maria desenterrou a mandioca’
- d) \*Maria a-da-fuk-a manjoka  
3PS Maria-MS 2PS-MT-Raiz- Rev-VF 6 mandioca  
(Sem tradução lógica)
- e) Joana na Maria w-a-gaw-**ul**-a matoro  
2PL Joana e Maria-MS 2PL-MT-Raiz- Rev-VF 6 hotas  
‘a Joana e a Maria lavraram hortas’.
- f) \* Joana na Maria w-a-gaw-**ul**-a.  
2PL Joana e Maria-MS 2PL-MT-Raiz- Rev-VF  
‘Joana e Maria lavraram’
- h) iwepo w-a-pamb-**ul**-a malalanja  
2PS tu-MS 2PS-MT-Raiz- Rev-VF 6 laranjas  
‘tu diminuístes as laranjas’
- i) \*iwepo w-a-pamb-a malalanja  
2PS tu-MS 2PS-MT-Raiz- Rev-VF 6 laranjas  
(Sem tradução lógica)
- j) mayi a-mba-kunkhum-**ul**-a muliwo akanati kugwata

3PS tu-MS 3PS-MT-Raiz- Rev-VF 3 caril antes cortar  
 ‘a mãe sempre sacode a hortaliça antes de cortar’.

- l) \*mayi a-mba-kunkhum-a muliwo akanati kugwata  
 2PS tu-MS 2PS-MT-Raiz-VF 3 caril antes cortar  
 (Sem tradução lógica)

Os dados (4), Nyungwe, mostram que a extensão reversiva está completamente lexicalizada, tal como afirma Câmara (2018). Apenas ocorre em alguns verbos. Câmara (2018, p. 185), através dos exemplos acima (4), mostra que “ela está lexicalizada, tornando difícil separá-la do radical verbal, sem que isso, resulte na agramaticalidade da raiz não reversiva no Nyungwe”. Em termos gerais, pelas características morfo-semânticas desta extensão, nota-se que, ela concatena-se às bases verbais que revelam movimento passível de marcar a oposição morfológicamente no output, tal como se afirma em (NGUNGA, 1999, e ZEMBA, 2015).

O outro morfema que tem sido menos estudado com poucos exemplos concretos é o -am-. Este morfema, em algumas línguas, é tido como extensão verbal. Por exemplo, Baumbach (1987, p. 208) refere-se à existência desta extensão verbal, sem, no entanto, apresentar alguns exemplos. Feitas as buscas de estudos sobre o morfema -am-, nas línguas bantu faladas em Moçambique, com alguns exemplos, encontramos Langa (2013, p. 140). Este autor afirma que, em Xichangana, são poucos os verbos que ocorrem com esta extensão e as raízes derivacionais dos mesmos não são sempre notáveis”. Veja em (5.a) os exemplos do autor acima citado:

- |                             |              |
|-----------------------------|--------------|
| 5.a) -yi- <b>m</b> -a       | vs *-yi-     |
| Raiz-Posic-VF               |              |
| ‘ficar em pé’               |              |
| -ts- <b>am</b> -a           | vs *-tsa-    |
| Raiz-Posic-VF               |              |
| ‘ficar sentado’             |              |
| -tsùtsù- <b>m</b> -à        | vs *-tsutsu- |
| Raiz-Posic-VF               |              |
| ‘estar a correr’            |              |
| -jàt- <b>àm</b> -à          | vs *-jat-    |
| Raiz-Posic-VF               |              |
| ‘estar a saltar de um topo’ |              |
| -khàs- <b>àm</b> -à         | vs *-khis-   |
| Raiz-Posic-VF               |              |
| ‘estar de joelhos’          |              |
| -kòrh- <b>am</b> -à         | vs *-korh-   |
| Raiz-Posic-VF               |              |
| ‘estar inclinado’           |              |

Segundo Langa (2013, p. 140), os exemplos em (5) mostram verbos com a extensão posicional lexicalizada e sufixada. Esta extensão não é mais produtiva no Changana actual, facto de não ser

possível se desassociar das suas bases. “Semanticamente, para -am-, as respectivas bases verbais denotam alguma posição, daí o facto de a extensão ser apelidada de posicional”.

Para descrever aspectos paramétricos dos morfemas -ur- e -am-, no Ciwutee, é necessário perceber a interpretação que se dá aos ideofones, por causa das características preliminares que -am- mostra na fase inicial deste estudo.

Segundo Doke (1931, p. 223), ideofone é “a combinação de uma ideia ou figura mental com os sons da fala”. Por seu turno, Baumbach (1988, p. 45 -, p. 150) e Siteo (1996, p. 345) convergem ao afirmarem que “é o fenómeno através do qual alguns sons da linguagem humana podem, do ponto de vista semântico, combinar a figura mental com os sons da fala”. Langa (2013, p. 140 -, p.155) concordando com, Doke (1931), afirma que “esta classe foi nomeada de ideofone por se ter apercebido que a terminologia comumente usada para designar as principais categorias lexicais, tais como N(ome), V(erbo), ADJ(ectivo), ADV(érbio) e PREP(preposição)” (MATEUS *et al.*, 1989, p. 176), não cobria a semântica que estas palavras transportam, pois, semanticamente, “os ideofones estão ligados a campos diversos, tais como acções, sons, cheiros, posturas, atitudes, gestos, etc, Nhapoca (2017, p. 123), Baumbach (1988, p. 45-, p.150 ). Nesta questão Baumbach (op. cit.) considera que “a palavra ideofone é composta por dois radicais, sendo *ideo* figura mental e *fone*”, o som. Para dissecar as duas partes do conceito “ideofone” pode argumentar-se que, *ideo* é a parte “física” em ondas sonoras ou ideia representa pelo *fone* e ambos funciona pela representatividade na ausência do outro. Em (6), (7) e (8) apresentam-se alguns exemplos de ideofones em línguas diferentes.

6. a) Mwana w-a-t-i go pasi (Ciwutee em consulta oral )  
3PS criança MS 3PS-Raiz-VF ideofone chão  
‘criança faz. “go” no chão’  
b) Isusu t-a-t-i bewu musuwo (Ciwutee em consulta oral)  
1PP Pron MS 1PP-Raiz-VF ideofone porta  
‘nos fizemos “bewu” porta’
7. a) Mina ni-famb-il-e “xambuxambu” (Changana em Ezra 2017)  
1PS Pron MS 1PS-Raiz-VF ideofone  
‘Eu andei “xambuxambu” (nua)’  
b) ‘Ni-pfiny-il-e nompfu “pfaaa” ‘ (Changana em consulta oral)  
1PS MS 1PS-Raiz-MT-VF nariz ideofone  
‘Eu apertei nariz “pfaaa”’
8. a) Maria a-phat-a ncikunu paaa (Nyungwe em consulta oral)  
3PS Maria MS3PS Raiz- VF ancas ideofone  
‘Maria pegou ancas “paaa”’  
b) Iye akhala adandinyanganisa dhuuuu (Nyungwe em consulta oral)  
3Pron MS3PS Raiz- VF ancas ideofone  
‘Ele ficou a olhar para mim dhuuu’

## METODOLOGIA

Apresenta-se o mecanismo pelo qual se explica como os dados foram recolhidos e analisados. Para a descrição dos dados aplicou-se o método bibliográfico e introspectivo, numa abordagem qualitativa e técnica de entrevista semi-estruturada, através de um guião de entrevista.

Existem diferentes tipos de entrevistas, dentre eles, a semi-estruturada (APPOLINÁRIO, 2004 e MARCONI e LAKATOS, 2001).

Na recolha de dados para este artigo, usou-se a entrevista semi-estruturada (Anexo 1), na medida em que, em algum momento, não se usou o guião para captar alguma informação que o entrevistador percebia ser útil para a compilação dos dados desta pesquisa. Na análise das estruturas, os informantes propunham as traduções e davam juízo de gramaticalidade, orientados pelo guião de entrevista para garantir a materialização dos objectivos do artigo. A entrevista foi feita de duas formas: individual e colectiva. Seleccionou-se 25 informantes como amostra representativa, destes, 10 são mulheres e 15 homens. Na amostra representativa, 20 são residentes da província de Manica e 5 residentes, temporariamente, na zona militar da Cidade de Maputo. Mesmo sendo uma abordagem qualitativa, na Tabela 3 apresenta-se a imagem da apreciação da informação colhida no campo.

**TABELA 3: Perfil do informante**

| Número de informantes | Juízo de gramaticalidade | Percentagem |
|-----------------------|--------------------------|-------------|
| 20                    | R.G                      | 84.3%       |
| 5                     | R. AG                    | 15.7%       |
| 25                    | -                        | 100%        |

**Legenda:**

*R.G -respostas gramaticais*

*R.AG/AMB- respostas agramaticais*

A Tabela 3 mostra 25 informantes, dos quais 20 deram respostas gramaticais que correspondem a 84.3% do universo (25) e cinco (5) do universo (25) deram respostas agramaticais/ambíguas, cobrindo uma cifra de 15.7%. Tendo em conta a entrevista, os informantes mostraram que, para além da ordem de ocorrência de -ur- e -am-, têm conhecimento de numa estrutura morfológica existirem lacunas que podem ser preenchidas (*Incorporação*) por morfemas e o seu output deve existir na língua, fazendo uma ligação com mundo extralinguístico, isto é, quando se concatenava o morfema -ur- numa base verbal com a semântica de movimento cíclico, os informantes diziam *sim* existe e, se fosse uma base verbal cuja semântica não remetia ao movimento cíclico ou base ideofónica, os informantes rejeitavam a palavra formada. Quando se tratasse do morfema -am- a concatenar-se à base ideofónica, os informantes reconheciam a existência da palavra formada, mas quando se concatenasse este morfema à uma base verbal rejeitavam ou não reconheciam a output. Esta aceitação, por parte de -ur-, e rejeição por parte de -am-, mostra, claramente que, o primeiro (-ur-) é uma extensão verbal e o segundo (-am-) é, apenas, um verbalizador no Ciwutee. No mesmo guião, quando eram colocadas algumas estruturas sintácticas, imbuídas de ideofones, com um cunho comunicacional, os informantes conseguiam descrever o significado de cada ideofone. Os ideofones,

em termos gerais, não são traduzíveis, mas mesmo assim, os informantes conseguiam descrever e reconhecer a existência desta classe de palavras no léxico de Ciwutee.

Outro facto importante foi o de terem mostrado domínio da ordem de ocorrência das extensões verbais numa situação de co-ocorrência. Por exemplo, se ocorresse, primeiro, uma base ideofónica, depois, o verbalizador -am-, tornando uma base verbal, daí já se podia concatenar qualquer extensão, de acordo com o modelo CARP de Hyman (2002). As propostas apresentadas pelos informantes, na sua maioria, preveem àquilo que Baker (1988) apresenta na ideia de *incorporação* e de ordem de ocorrência das extensões verbais. A seguir apresentam-se os dados de Ciwutee.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### Análise de morfemas -ur- e -am- em Ciwutee

Abaixo, analisa-se as características de cada morfema, usando os dados colhidos e o entendimento que os informantes tem sobre esta matéria, suportada por abordagens teóricas propostas para a composição deste trabalho.

#### Morfema -ur- do Ciwutee

A tabela 4 mostra a compatibilidade de -ur- de ocorrer com bases verbais de movimento específico. A apresentação de algumas bases no infinitivo não se trata de uma limitação na análise de dados, mas sim, a metodologia adoptada pelo autor para, no entender dele, alcançar os objectivos traçados sobre esta matéria.

**TABELA 4: Ilustrações**

| Raiz verbal (i) | Verbo no infinitivo (ii) | Significado (iii)                  | Extensão (iv) | Palavra formada (v) | Significado (vi)                       |
|-----------------|--------------------------|------------------------------------|---------------|---------------------|----------------------------------------|
| 1.a) -nam-      | Kunama                   | Colar                              | -ur-          | Kunamura            | Descolar                               |
| b) -nam-        | kunama                   | ‘colar’                            | -is-          | kunamisa            | Fazer colar                            |
| 2.a) -fung-     | Kufunga                  | ‘fechar’                           | -ur-          | Kufungura           | Abrir                                  |
| b) -fung-       | Kufunga                  | Fechar                             | ir            | Kufungira           | Fechar para...                         |
| 3.a) -sung-     | Kusunga                  | Atar                               | -ur-          | kusunungura         | ‘desatar’                              |
| b) -sunung-     | Kusunga                  | Atar                               | isis          | kusungisisa         | Atar intensivamente                    |
| 4.a) -kwam-     | Kukwama                  | Tapar a mão na bochecha (bofetada) | -ur-          | kukwamura           | Destapar a mão na bochecha             |
| b) -kwam-       | Kukwama                  | Dar tapa (bofetada)                | -iw-          | Kwamur(i)wa         | Ser dado tapa (bofetada)               |
| 5.a) -pomb-     | Kupomba                  | Enrolar várias vezes               | -ur-          | Kupombanura         | Desenrolar várias vezes                |
| 5.a) -pomb-     | Kupomba                  | Enrolar várias vezes               | -ek-          | Kupombanuka         | Passível de se desenrolar várias vezes |

No exercício, nota-se que, a esquerda, na coluna (i), temos as raízes verbais, depois verbo no infinitivo (ii), o significado (iii), os afixos derivacionais (iv), a palavra formada (output) (v) e por fim, os respectivos significados (vi).

As bases 1,2,3,4, 5 são raízes verbais (i) e o significado dos *output* têm algum alinhamento semântica com as respectivas bases. A permissão que o morfema -ur- dá de concatenar-se às bases que também ocorrem com outras extensões verbais (1-5), prova que, o morfema -ur- é uma extensão

verbal, embora ocorra em poucos contextos morfológicos no Ciwutee. Esta extensão verbal -ur- ocorre em poucos contextos porque estabelece alguma restrição léxico-semântico no seu paradigma de ocorrência, isto é, junta-se, apenas, às bases verbais de movimento cíclico para que o seu output revele a oposição morfológica do significado da base, tal como os informantes mostraram na recolha de dados. Em (10-15) apresentam-se outros dados, alguns, com cunho comunicacional.

- 10.a) \*kudu  
Ku-d-u  
15-morf-VF  
'sem significado'
- b) kudura  
ku-dur-a  
15-furar-VF  
'furar'
- c) Ndegi w-a-dur-a                      sevo    ya            mbiya  
3PS Ndegi MS3PS-MT-Raiz -VF 5ceifa PG ya    9 avó  
'Ndegi furou a ceifa da avó'
- 11.a) kupombana  
Ku-pomban-a  
15-enrolar-se-VF  
'enrolar várias vezes'
- b) kupombanura  
ku-pomban-ur-a  
15-enrolar-se-Rev-VF  
'desenrolar-se várias vezes'
- c) Shato y-a-pomban-ur-a              dzoma            kumunda  
9shatoMS9-MT-Raiz -Rev-VF 5gazela    17 machamba/campo de cultivo  
'a jiboia desenrolou a gazela na machamba/campo de cultivo'
- 12.a) kufunga  
15-fechar-VF  
'fechar'
- b) kufungura  
ku-fung-ur-a  
15-abrir-Rev -VF  
'abrir'
- c) Tsekuru a-Ø-fung-ur-a              nhekwe yo forya  
9 avô    MS9-MT-Raiz-Rev-VF 9 buceta PG ya 9 rapé  
'O avô abriu a buceta de rapé'

13.a) \*kuwhambu

Ku-whamb-u

15- morf-VF

(sem significado)

b) \*Mbudzi y-a-whamb-u magwere

9mbudzi MS9-MT- Raiz-VF 6 milho

(Sem significado)

c) kuwhambura

15- comer-rev-VF

‘comer (a forma de comer de antílopes)’

14.a) \* kubomo

Ku-bom-o

15-morf-VF

(sem significado)

b) \*karu y-a-bom-o jurawho

9 carro MS9-MT-Raiz- VF 5 murro

‘o carro demoliu o murro’

c) kubomora

Ku-bomor-a

15- demolir-VF

‘demolir paredes’

15.a) \*kumwopfo

Ku-mwopf-o

15- morf-VF

(sem significado)

b) \*dede r-a-mwopf-o bapaya

5macaco MS5-MT-Raiz-VF 5papaia

(Sem significado)

c) kumwopfura

Ku-mwopfur-a

15- comer-VF

‘um tipo de comer (quando se come algo mole)’

Os dados (10-15) são amostras de todas palavras com mesmas características no Ciwutee. Por falta de evidências científicas da evolução em diacronia do Ciwutee nesta matéria, torna difícil pensar que, por exemplo, as estruturas *kudu*, *kuwhambu*, *kubomo* e *kumwopfo* terão existido como palavra na história desta língua e que depois de sofrerem o processo de verbalização deverbal, o sufixo -ur- ou -or- se terá fossilizado ao longo do tempo, não permitindo, actualmente, sua dissociação às possíveis

referidas bases. As agramaticalidades não se tratam de verbos por estarem no infinitivo porque mesmo em frases no contexto de uso, continuam agramaticais, tal como ocorre em (13.b, 14.b e 15.b).

Pelos dados, conclui-se que, os exemplos (10.b,13.c,15.c), são verbos não derivados existentes no léxico da língua. A partir da diferença que se estabelece entre raiz e radical, nota-se que, -dur-, -whambur-, -bomor- e -mwopfur- são raízes das respectivas palavras formadas. A ocorrência de aparente -ur- ou -or- na última sílaba de todos verbos cujo output não revela uma oposição morfológica do input, é uma mera coincidência morfêmica. As estruturas *kudu*, *kuwhambu*, *kubomo* e *kumwopfo* são inexistentes, não pertencem a nenhuma categoria sintática na língua. Elas não configuram raiz e não fazem nenhuma ligação com o mundo extralinguístico. Sendo assim, e tendo em conta os dados, conclui-se que, a extensão -ur- não está fossilizada, apenas ocorre em verbos específicos no Ciwutee. A seguir apresenta-se o morfema -am-.

### Morfema -am- do Ciwutee

A seguir, apresenta-se os dados para testar e aferir as características do morfema -am-.

**TABELA 5: Contexto de ocorrência de -am-.**

| Base verbal no infinitivo (i) | Significado (ii) | Base ideofônica (iii) | Significado (iv)                  | Morfem/ Extensão (v) | Palavra formada (vi) | Significado (vii)                           |
|-------------------------------|------------------|-----------------------|-----------------------------------|----------------------|----------------------|---------------------------------------------|
| 1.a) *kugwada                 |                  | Gwada                 | Forma de ajoelhar                 | -am-                 | -gwadama             | Ajoelhar                                    |
| b) *kugwada                   |                  | Gwada                 | Forma de ajoelhar                 | -is-                 | *-gwadisa            |                                             |
| 2.a) kumwa                    | Beber            | *mwa                  |                                   | -am-                 | *-mwama              |                                             |
| b) kumwa                      | Beber            | *mwa                  |                                   | -is-                 | -mwisa               | Fazer beber                                 |
| 3.a) *kukota                  |                  | Kota                  | Forma de inclinar                 | -ma-                 | -kotama              | Inclinar-se                                 |
| b) *kukota                    |                  | Kota                  | Forma de inclinar                 | -ir-                 | *-kotira             |                                             |
| 4.a) *kukwata                 |                  | Kwata                 | Forma de deitar-se                | -ma-                 | -kwatama             | Deitar-se                                   |
| b) *kukwata                   |                  | Kwata                 | Forma de deitar-se                | -iw-                 | *-kwatiwa            |                                             |
| 5.a) *kuremga                 |                  | Remga                 | 'a forma como algo longo balança  | -am-                 | -rengama             | balançar (movimento vai-vem)                |
| b) *kuremga                   |                  | Remga                 | 'a forma como algo longo balança' | -isis-               | *-rengisisa          |                                             |
| 6.a) *kutumba                 |                  | Tumba                 | forma de flutuar de algo          | -am-                 | -tumbama             | Flutuar (mover-se à medida da onda de água) |
| b) *kutumba                   |                  | Tumba                 | forma de flutuar de algo          | -irir-               | *-tumbirira          |                                             |

Neste exercício (Tabela 5), nota-se as diferenças entre as bases verbais e as bases ideofônicas. As bases verbais aceitam formar verbo no infinitivo (*kumwa*), como qualquer verbo (2.a,b), mas as bases ideofônicas não aceitam, exemplos *\*kugwada*, *\*kukota*, *\*kukwata*, *\*kurenga* *\*kutumba*). Estas estruturas não nos fornecem nenhuma informação básica como uma raiz. Por exemplo, quando a extensão (causativa, aplicativa, passiva, intensiva, persistiva) se juntam às bases ideofônicas, o output torna-se agramatical (1.b, 3.b, 4.b, 4.b 6.b), coluna (vi). Em alguns verbos, o output toma um significado que não tem nada a ver com o significado da raiz (gwadisa) 'fazer cheirar bem' (1.b), coluna (vi). Esta característica, também ocorre em outras línguas, tal como Português. Por exemplo, o significado do input *pirar* não tem nada a ver com o significado da palavra *expirar*, isto é, esta palavra não parte da base *pirar*. Outro exemplo no Ciwutee é da base ideofônica *pfuka* para formar

*pfukama* ou *kupfukama* (ajoelhe, ajoelhar). Veja que, a palavra *kupfukisa* não parte da base -pfuka (ideof.), a aparente *is* é uma mera coincidência porque *is* faz parte da raiz verbal (-pfukis-). As duas estruturas não têm o mesmo significado, (a primeira (*pfukama*) significa *a forma de ajoelhar* e a segunda (*kupfukisa*), significa *tipo de reivindicação de um espírito mau na cultura Wutee*). Os dados acima são suportado por princípio que rege a boa formação de palavras derivadas. Este princípio advoga que para formar palavras derivadas: a) *a base deve existir na língua*, b) *a base deve ser raiz/ radical ou palavra e c) o input e o output devem pertencer a uma categoria sintáctica principal*. Uma palavra derivada e bem formada deve preencher os três requisitos.

Em Ciwutee, o morfema -am- é um verbalizador porque altera a categoria sintáctica das bases, de um ideofone para um verbo (1.a, 3.a, 4.a, 5.a, 6.a), coluna (vi).

Depois do verbalizador -am- juntar-se às bases, qualquer extensão verbal poderá concatenar-se à palavra formada porque o output terá assimilado o traço + verbo (+v), principal condição necessária para que haja a derivação, envolvendo extensões verbais nesta língua. Neste processo, se não as previstas em todas as extensões verbais, não haverá restrição lexical às extensões que se juntarão a este verbo formado porque elas não têm acesso à estrutura interna da base para identificar a raiz ideofónica, rejeitada por extensões verbais nas palavras do Ciwutee. Veja em (16) e (17) alguns exemplos em frases.

16.a) -kwatama

Kwat-am-a

Ideof -Pos-VF

‘deitar-se’

-kwatamisa

-kot-am-is-a

ideof-Pos-Causa-VF

‘fazer deitar-se’

b) imbwa yakwanama muchango

tendzi w-a-kwat-am-is-a imbwa

9cão MS9-MT-Raizidef-Verbr-VF 5dono do cão MS5-MT-Raizideof-Verbar-Ext-VF 9cão

‘O cão deitou-se de barriga’

‘o dono do cão fez o cão deitar-se de barriga’

17. a) -kotama

-kot-am-a

ideof-Pos-VF

‘inclinat’

-kotamisirwa

-kot-am-is-ir-(i)w-a

ideof-Pos-Caus-Apl-Pas-VF

‘Causar que alguém seja passível de ser feito inclinar em seu benefício’

b) murwere w-a-kot-am-a

murwere w-a-kot-am-is-ir-w-a roro

1doente MS1-MT-Raizidef-Verbr-VF 1doente MS1-MT-Raizideof-Verbar-Ext-Ext-Ext-VF 9ata ‘o doente inclinou’ ‘o doente causou alguém seja passível de ser feito inclinar em seu benefício’

Os dados acima mostram que as bases verbais (16-17.a, b) são gramaticais porque as extensões concatenam-se às bases depois da fixação do verbalizador -am-, criando um output existente na língua. A gramaticalidade não tem nada a ver com os elementos mórficos gramaticais com os quais a base co-ocorre, na posição, pré-raiz porque mesmo com estes em contexto comunicacional, as frases continuam gramaticais (16.b e 17.b). A seguir apresenta-se linhas gerais da pesquisa.

## CONCLUSÃO

A pesquisa tem como objectivos analisar, testar, caracterizar e distinguir os morfemas *-ur-* e *-am-*, numa perspectiva morfossintáctica e léxico-semântica. Usou-se o teste *distribuição*, as teorias *Princípio de Espelho* e *Incorporação* para aferir a existência de alguma linearidade e possíveis restrições léxico-semânticas na concatenação de unidades derivacionais que, por sua vez, estabeleceram uma relação com o mundo extralinguístico. Com estas abordagens teóricas, aferiu-se que, no Ciwutee, *-ur-* é uma extensão verbal com semântica de movimento cíclico e *-am-* é, apenas, um verbalizador e, os dois morfemas, em algumas línguas bantu, funcionam como extensões verbais fossilizadas. Os objectivos arrolados remeteram-nos à questão “será que os morfemas *-ur-* e *-am-* comportam-se como extensões verbais e qual é a real categoria morfossintáctica e léxico-semântica das bases que os agregam no Ciwutee? Com esta pergunta, foi possível propor as seguintes hipóteses: a) os morfemas *-ur-* e *-am-* comportam-se como extensões no Ciwutee; b) os morfemas *-ur-* e *-am-* estabelecem restrições morfossintácticas e léxico-semânticas distintas diante das bases que os agregam e; c) os morfemas *-ur-* e *-am-* são extensões fossilizadas no Ciwutee. Quanto a utilidade das hipóteses, verifica-se que, a “b” foi assertiva por prever diferenças entre os dois morfemas. Com base no método bibliográfico e a Introspecção, assim como, o teste *distribuição* foi possível concluir que *-ur-* é uma extensão verbal que dá a ideia contrária da semântica da base a que se concatena. O morfema *-am-* junta-se, apenas, às bases ideofónicas. Os dois morfemas (*-ur-* e *-am-*) mantêm a valência das bases com as quais co-ocorrem.

O critério *distribuição* ajudou a identificar as classes de palavras nas línguas. O caso de Ciwutee, foi necessário aplicar este critério para identificação de classes das bases, seleccionadas pelos morfemas *-ur-* e *-am-* ou de outras unidades lexicais, à título de exemplos ideofones.

Na análise da extensão reversiva e morfema *-am-*, orienta-se a não forçar os dados em muitas ocorrências sob risco de confundir parte de uma raiz que se pareça com a configuração morfológica da extensão *-ur-* ou *-am-* na posição final da raiz. Nestes casos, não se deve concluir que *-am-*, nos verbos *kuyima* (parar), *kugogoma* (correr), é uma extensão posicional. Como um teste, condicionou-se as bases para presente do indicativo, *-am-* continuou a fazer parte da raiz, como ocorre nas palavras imperativas, *nama* ‘matique’ e *gogoma* ‘corra’.

No Ciwutee, a nomenclatura atribuída ao morfema *-am-* como extensão verbal pode não ser exaustiva quando se interpreta a palavra *extensão*. Esta palavra significa *estender, alongar dar continuidade de alguma coisa com as mesmas propriedades*. Se for um verbo, é estendê-lo (verbalização de verbal). Sendo assim, pode-se notar que, a expressão “*extensão verbal*” para *-ur-* encontra uma aplicação porque se parte de um verbo para formar outro. No morfema *-am-*, já não se pode aplicar porque não se trata de estender palavra da mesma classe. Ora vejamos, a base é ideofónica, depois da sufixação do verbalizador (*-am-*), a palavra formada torna-se verbo. Então, o mecanismo mais adequado nesta perspectiva, no Ciwutee, é identificar uma expressão que dê conta de todas as situações, por exemplo, a expressão *extensões lexicais*. Esta expressão, no entender do autor, é mais genérica porque dá conta das duas realidades.

O método bibliográfico, a Introspecção e a entrevista semi-estruturada permitiram, numa média de, 84.7 % do universo de 100% de informante como amostra representativa, aferir que -ur- é uma extensão e -am- é um verbalizador, com as respectivas características morfossintáticas e léxico-semânticas descritas ao longo do trabalho.

### **Interesses conflitantes**

O autor declara não haver potenciais interesses conflitantes no que diz respeito a pesquisa, autoria e publicação deste artigo.

### **REFERÊNCIAS**

- APPOLINÁRIO. **Dicionário de Metodologia Científica: Um Guia para a Produção do Conhecimento Científico**. São Paulo: Editora Atlas, 2004.
- BAKER, M. **Incorporation: A Theory of Grammatical Function Changing**. Chicago: University of Chicago Press, 1988.
- BAUMBACH, E. **Analytical Tsonga grammar**. Pretoria: University of South Africa (UNISA), 1987.
- BYBEE, J. **Morphology: A Study of the Relation Between Meaning and Form**. Amsterdam: John Benjamins. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- CÂMARA, C. **Análise Minimalista das Extensões Verbais em Nyungwe**. Maputo: CEA, 2018
- COCCHI, G. Verbal Extensions in Tshiluba. **Língua.**, v.1, Pp.75-89, 2008.
- DOKE, C. **A Comparative Study in Shona Phonetics**. Johannesburg: The University of the Witwatersrand Press, 1931.
- FRIESEN, L. Valence Change and Oroko Verb Morphology (Mbonge Dialect). **Dissertation (Masters in Linguistic)** – University of South Africa, 2002.
- HYMAN, L. **Suffix ordering in Bantu: A Morphocentric approach**. Rutgers Optimal Archive (ROA), article 2002, 506-0302.
- LANGA, D. **Morfologia do Verbo em Changana**. Maputo: Centro de Estudos Africanos (CEA), 2013.
- LANGA, D. Verbal Extensions in Changana: A Re-statement. In Akindele et al. (eds). **LASU: Journal of the Linguistics Association of Southern African Development Community [SADC] Universities**. v. 3. Linguistics Association of SADC, p. 51-, p. 60, 2007.
- LODHI, A. Verbal extensions in Bantu: the case of Swahili and Nyamwezi. **Africa & Asia: Göteborg working papers on Asian and African languages and literatures**, v.2, p 4-26, 2002.
- MATEUS, B., Duarte, I., Faria, I. **Gramática da Língua Portuguesa**. 2ª Edição. Lisboa: Editora Caminho. Lisboa, 1989.
- MARCONI, M e LAKATOS, E. **Metodologia de Trabalho Científico**. 6a Edição. São Paulo: Editora Atlas, 2021.

- NGUNGA, A. **Introdução à Linguística Bantu**. 2ª Edição. Maputo: Imprensa Universitária, 2014.
- NGUNGA, A. Lexical Phonology and Morphology of the Ciyao Verb Stem. **Thesis (PhD in Linguistic)** – Berkeley, University of California, p 17, 1997.
- NGUNGA, A. Restrições na combinação e ordem dos sufixos verbais em Ciyao. Simango, A. (ed.). **Folha Linguística**, v.3. Maputo: Imprensa Universitária. p. 8-18, 1999.
- NHAPOCA, E. **Identidade categorial e função dos ideofones do changana**. Florianópolis/SC, 2017.
- RAZÃO, J. Implicações Sintáticas da co-ocorrência das Extensões Causativa e Passiva em Ciwutee. Dissertação (Mestrado em Linguística) – FLCS, UEM, 2017.
- RIBEIRO, A. **Gramática Changana (Tsonga)**. Kusubi: Marianum Press SSPC, 1965.
- SITOE, B. (1996). **Dicionário Changana - Português**. Maputo: Instituto Nacional do Desenvolvimento da Educação (INDE), Ministério da Educação, 1996.
- WAWERU, M. Gĩkũyũ Verbal Extensions: A Minimalist Analysis. Unpublished PhD Thesis. Kenyatta University, 2011.
- ZEMBA, M. (2015). **A Grammatical Sketch of Kunda Language**. Dissertation (Masters in Linguistic) – University of Zambia, Lusaka.

## ANEXO 1

## Ficha de recolha de dados

## Guião de entrevista semi-estruturada

Análise as frases, em Ciwutee, e de acordo com conhecimento que tem da língua, assinale com “*não*” as frases erradas (agramaticais) e com “*sim*” as certas (gramaticais) e ainda com *X* as que considerar menos usadas (marcadas/ambíguas) na sua comunidade falante.

Nome \_\_\_\_\_

Género: masculino ( ) / feminino ( ).

Idade ( ).

Ocupação \_\_\_\_\_

1. Mwana wati “go” pasi \_\_\_\_\_ ( )
2. Isusu tati bewu musuwo \_\_\_\_\_ ( )
3. Baba akwama mbava \_\_\_\_\_ ( )
4. Baba akwa mbava \_\_\_\_\_ ( )
5. Muchengeti wafunga musuwo \_\_\_\_\_ ( )
6. Mucengeti wafungura musuwa \_\_\_\_\_ ( )
7. Muwushi wapombanura shato pambudzi \_\_\_\_\_ ( )
8. Shato yapombeka \_\_\_\_\_ ( )
9. Mwana wadu sevo \_\_\_\_\_ ( )
10. Mwana wadura sevo \_\_\_\_\_ ( )
11. Mbudzi yawhambu magwere \_\_\_\_\_ ( )
12. Mbudzi yawhambura magwere \_\_\_\_\_ ( )
13. Murumbwana wabomo mudhuri \_\_\_\_\_ ( )
14. Murumbwana wabomora \_\_\_\_\_ ( )
15. Ngwena yamwopfora mbizi. \_\_\_\_\_ ( )
16. Ngwena yamwopfora mbizi \_\_\_\_\_ ( )
17. Ana amwama mvura \_\_\_\_\_ ( )
18. Mbiya akota. \_\_\_\_\_ ( )
19. Mbiya akotama \_\_\_\_\_ ( )
20. Shiri dzakota \_\_\_\_\_ ( )
21. Shiri dzakotama \_\_\_\_\_ ( )

## NOTAS

<sup>1</sup> Extensões verbais que afectam a morfologia do verbo apenas.  
Ver Baker (1988) Incorporação como uma abordagem teórica.